

INFÂNCIA NA MÍDIA: SUJEITO, DISCURSO E PODERES

Jacira Cabral da Silveira
PPGEDU - UFRGS

Como é construído um discurso sobre a infância na mídia televisiva deste final de século? Esta pergunta é o ponto de partida do presente trabalho que registra, parcialmente, os dados coletados e análises realizadas em pesquisa desenvolvida no PPGEDU-UFRGS, no curso de Mestrado. Através da análise de três modalidades enunciativas da programação da TV brasileira - comerciais, peças de telejornalismo e um quadro da telerrevista *Fantástico* - foi possível evidenciar algumas regularidades discursivas que ajudam a compreender que sujeito infantil é construído pela linguagem da televisão, como também que infância habita o imaginário adulto na atualidade.

É importante salientar, entretanto, que esta pesquisa se caracteriza pela ótica da emissão e não da recepção, buscando investigar como a criança aparece na televisão e não como esta mídia produz especificamente para o público infantil. Assim como diversos autores pesquisados, este trabalho concebe a infância como uma construção social que tem nos grandes momentos de deslocamento histórico condições de emergência para novas abordagens conceituais do homem frente à sociedade e à vida. O tratamento do tema, por sua vez, tem como suporte teórico principal a Análise do Discurso, na perspectiva de Michel Foucault, ou seja, preocupa-se em estabelecer uma relação entre a produção de discursos e os processos de subjetivação na cultura contemporânea.

Em que medida nos auxilia no trabalho de sala de aula uma pesquisa que procura descrever como a mídia constrói um sujeito infantil na atualidade? A pergunta se justifica na medida que falamos a partir do lugar da educação. Parece-nos importante tomar conhecimento do sentimento com relação à infância, mais geralmente nutrido, a partir da ótica adulta nas mais diferentes instâncias de poder-saber, uma vez que não é apenas na escola e na família que os sujeitos infantis são significados. O ater-se a outras produções de verdade com relação ao ser criança pode auxiliar a escola a compreender não aquele a quem já conhece (ou reconhece como infantil) mas aquela identidade socialmente construída e que, atualmente, tanto perplexifica o trabalho na escola por haver lacunas

explicativas na compreensão daquele com quem trabalha: “Essas crianças não são mais as mesmas!”.

Condições de emergência de um discurso sobre a infância hoje

Autores como Philippe Ariès (1978) e Mary Del Priore (1996, 1999) contribuem tanto para inventariar a história do sentimento de infância na Europa como no Brasil. Priore analisa as condições de sobrevivência de crianças negras, índias, expostas, imigrantes e crianças livres no Brasil do século XVI. Segundo ela, um aspecto que vai marcar sensivelmente a mentalidade da infância brasileira é a forma como a criança branca, livre e de posses relaciona-se com adultos e crianças negras escravas que lhe pertencem. É uma relação de mando, diz a autora. Priore destaca como outro condicionante na construção de uma identidade infantil nacional a chegada tardia no Brasil da escolarização e da vida privada da família com relação aos países europeus devido a sua condição de grande pobreza e de tardia industrialização. Esses fatores, segundo Ariès, possibilitaram ver a criança a partir de um sentimento de infância no início da Idade Moderna na Europa.

Numa outra análise, Lucia Rabello de Castro (1999) salienta a importância que teve e ainda tem a Psicologia de Desenvolvimento na concepção adulta de um ser infantil. Nesta perspectiva do desenvolvimento, a Psicologia concebe a criança a partir de padrões evolucionários da espécie. Tal abordagem organiza a escola dentro de um escalonamento das possibilidades infantis, criando ainda a figura da criança normal.

Mariano Narodowsky (1998) situa nos anos 90 a crise conceitual de infância. Para ele, “não se trata de uma crise de vazio ou de ausência, mas de uma crise na qual a infância moderna morre” (Narodowsky, 1998, p.174). Para essa morte, ele descreve dois pontos de fuga, que seriam duas formas atuais de caracterizar este ser infantil em ressignificação. Ele vai chamá-los de *hiper-realizados* e *des-realizados*. Os primeiros são aquelas crianças que vivem em uma realidade virtual, pela qual têm acesso a bens culturais como Internet, vídeo-game e computador. Quanto aos *des-realizados*, são as crianças que vivem na rua e trabalham desde muito pequenas. Independentes e autônomas, reconstróem uma série de códigos através de sua vida na rua e na noite, o que lhes dá certa autonomia cultural, por

meio da qual procuram realizar-se – ou des-realizar-se, como prefere o autor – como infância.

Também o psicanalista Contardo Calligaris (1996) reflete sobre o sentimento de infância hoje. Entretanto, diferentemente do autor argentino, que exemplifica uma tipologia infantil da atualidade, Calligaris, a partir do imaginário adulto sobre a criança, acusa o caráter excludente deste sentimento. Para ele, experimentamos todos os adultos um amor narcísico em relação à infância. Neste amor, espera-se que a criança ofereça a imagem de uma plenitude e de uma felicidade tal que, embora esta jamais tenha sido a do adulto, permite-lhe amar a si mesmo. Ele destaca três evidências que caracterizam o amor narcísico: a aparência de adulto, a dependência de objetos de satisfação e os “ anões de férias sem lei”.

A incursão em trabalhos de diferentes autores como Stuart Hall, Eric Hobsbawn, Priore e Castro representa importante levantamento que nos leva a compreender algumas das características da criança nos dias de hoje como também historiar a mentalidade individualista e consumista da atualidade. Para referir algumas, destaco a análise de Hall quando fala da fragmentação e morte da identidade social contemporânea onde a identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1997, p.13). Esta mobilidade pode ser ilustrada pela classificação de Narodowsky quanto aos hiper-realizados e os des-realizados.

Quando Hobsbawn (1998) fala da emergência de uma cultura jovem no final dos anos 80, ao analisar a revolução social a partir do terceiro quartel do século XX, ele ressalta o importante papel que tal fenômeno vai ocupar em outra revolução, a cultural no mesmo período. A partir do novo *status* que o jovem assume na sociedade vão ocorrer profundas mudanças na relação entre gerações. Inúmeros *slogans* de 1986, como “É proibido proibir”, “Tomo meus desejos por realidade, pois acredito na realidade de meus desejos”, constituíram-se, segundo Hobsbawn, em anúncios públicos de sentimentos privados. Tais enunciações, que partiram das lutas sociais, são assimiladas no interior de práticas da lógica do consumo e da realização dos desejos na atualidade: “A liberdade está em usar uma calça velha, azul e desbotada”. O final do século XX vive, assim, uma revolução cultural onde o individual triunfa sobre a sociedade; é o rompimento dos fios que

antes ligavam os seres humanos em texturas sociais. As instituições que mais sofreram com a nova cultura do individualismo foram a família tradicional e as Igrejas organizadas do Ocidente. O afrouxamento dos laços familiares modificou profundamente este meio de reprodução e mecanismo de cooperação social. Priore vem acrescentar a escola aos locais de rompimento dos quais fala Hobsbawn.

Para Castro, uma das questões que mais tem promovido uma possível ruptura quanto ao tipo de sujeito infantil que hoje experimentamos no meio urbano brasileiro diz respeito a dos espaços por onde circulam adultos, crianças e jovens. Segundo ela, cada vez mais esses espaços são diferenciados e compartimentalizados, suas estruturas tanto refletem como determinam o que ela chama de sociabilidades emergentes. E é dentro desses novos espaços que novas relações são possíveis e se estabelecem. A própria inserção do jovem e da criança na vida urbana corresponde não só a uma delimitação de espaços como também à ausência da figura do adulto, que permanece menos tempo em casa devido às atividades profissionais.

Mas nem todo lugar é oferecido à circulação, principalmente da criança. É nesse sentido que Castro observa haver uma demanda muito grande de crianças que passam boa parte de seu tempo diário em frente à televisão. Essa condição urbana de enclausuramento doméstico favorece outra inserção que não aquela do espaço urbano, devido à abrangência de telespectadores infantis que atinge. É a inserção em outras redes simbólicas de subordinação cultural que se dá por meio do ato de assistir à televisão.

Castro diz que nessa nova relação em que o adulto não está presente o modelo pedagógico de educação familiar, alicerçado na autoridade e na tradição, é substituído pela pedagogia dos *mass media*, utilizando-se do apelo ao consumo e ao arrebatamento pelo olhar. Tal estatuto pedagógico da mídia, em particular a exercida pela TV, além de questionar o que a criança aprende na família e na escola, produz novas formas de a criança perceber-se e reconhecer-se, assim como aos outros e ao mundo onde vive.

Das regularidades aos enunciados

A partir destes referenciais teóricos, chego ao “como” deste trabalho. Que metodologia empreguei, como foram realizadas a seleção e análise do material empírico. Partindo dos critérios de seleção, procurou-se abranger a variedade de inserções da figura

da criança nos produtos veiculados na TV. Cada uma das modalidades, dentro de suas peculiaridades de produção e edição de imagens, textos, sons, personagens, etc., multiplica enunciados através dos quais se constrói um discurso sobre a infância no Brasil.

Dentro da modalidade de comerciais fazem parte desta pesquisa as propagandas: Chocolate Baton, Coca-cola ópera, Banco Bozano Simonsen e Associação dos Amigos dos Autistas.

Da modalidade de telejornalismo, foram gravadas cinco matérias divulgadas em telejornais semanais¹ veiculados ao meio-dia e à noite: *Estudantes brasileiros e a guerra em Kosovo*, *Aula de música para menores de dois anos*, *Criança no lixo nunca mais*, *Família francesa adota menina brasileira e Saúde mental de bebês e suas mães jovens*. Há também duas matérias especiais: *Crianças e a exposição de sua imagem na mídia*, do programa semanal *SBT Repórter*, da emissora do mesmo nome, e *Superdotados*, do programa Tele-Domingo, da RBS TV.

Da terceira modalidade fazem parte seis edições de um dos quadros da tele-revista *Fantástico*, exibido aos domingos pela Rede Globo de Televisão, intitulado *Uma janela para o ano 2000*. Em meu trabalho, entretanto, não uso o título original do quadro. Em seu lugar, emprego a denominação *As janelas do Fantástico* como forma de facilitar ao leitor o estabelecimento da relação entre o título do quadro e o nome do programa.

A partir de minha leitura e tentativa de tornar visível os procedimentos metodológicos da teoria do discurso em Foucault elaborei um esquema de trabalho. Tais procedimentos serviram de parâmetro para a análise dos programas gravados. A primeira coluna da tabela em *anexo 1* refere-se à descrição do material empírico, a segunda ao levantamento inicial dos enunciados e a terceira ao estabelecimento de relações entre as modalidades enunciativas em questão. O quadro em *anexo 2* mostra a síntese dos enunciados extraídos do material empírico: “Escola ‘pra’ quem?”; “Trabalho X Fama”; “Amor narcísico”; “Infância exilada no futuro”. Justifico a evidência de tais enunciados a partir das seguintes observações.

Coisas ditas: a multiplicação de um discurso na TV

¹ Os telejornais dos quais foram retiradas as matérias foram os seguintes: *Hoje* e *Jornal Nacional*, da Globo e *JA Notícias*, da retransmissora RBS TV.

Escola ‘pra’ quem? A pergunta é sugerida a partir de uma série de enunciações que apontam para a questão da utilidade da escola, em duas direções: aqueles que precisam da instituição para “serem alguém na vida” e outros que, “independente” da escola, seguem suas vidas.

Considerando-se que a instituição escolar, ao longo da história, sempre serviu de referência para a caracterização ou a constituição do sujeito infantil na sociedade, e levando em conta o descompasso atual da escola com relação à dinâmica dos avanços tecnológicos e decorrentes novas linguagens para operar com o mundo, a pergunta parece fazer muito sentido neste trabalho que procurou justamente investigar o sujeito infantil no discurso da TV. Este questionamento, inclusive, ficou evidente em muitos momentos dos programas analisados. Frente ao que parece ser uma nova demanda intelectual e tecnológica de alunos provenientes das populações economicamente mais favorecidas, e considerando que grande parte da população mundial ainda se encontra privada de informação mínima, a resposta à pergunta “*Escola —tradicional —“pra” quem?*” encontra duas respostas: “Não”, para os hiper-realizados; e “Sim”, para os des-realizados, conforme a classificação feita por Narodowsky.

Para o autor, tal incapacidade da escola encontra-se no fato de ela estar alicerçada na escrita, que é o âmbito da palavra e da demora, aspectos tão diversos da cultura do tempo real, da cultura da mídia. Frente a esta cultura rápida da mídia, na qual a satisfação dos desejos é imediata, Narodowski prevê uma disputa desigual, em que “a competição entre uma tecnologia da infantilização própria do século XVII *versus* uma tecnologia do controle do século XXI parece impossível” (Narodowski, 1998, p.176). Sandra Corazza (1998), também traz contribuições neste sentido, segundo ela, o “fim da infância”, de acordo com as práticas sociais dos anos 90, estaria sempre ligado à privação escolar, como se a sobrevivência do mundo infantil dependesse da possibilidade da educação escolar.

Embora no quadro de enunciados não apareçam os temas trabalho e fama (ou sucesso) já que o índice de ocorrência foi igual ou inferior a 25% nos doze programas gravados, julgo imprescindível trazer esta discussão uma vez que, nos dois programas onde aparecem, são a tônica principal e não um dito eventual.

Refiro-me às matérias *Criança no lixo nunca mais* e *Crianças e a sua exposição na mídia*. A primeira marca o lançamento da campanha nacional para retirar as 50 mil crianças

brasileiras que trabalham nos lixões urbanos, veiculada em um dia da semana, durante telejornal de rede nacional, tendo 3'20'' de duração. A segunda reportagem, em espaço de tempo bem maior, 18'33'', foi veiculada em programa especial, também em para todo o país, tendo como título:

Enquanto na reportagem *Criança no lixo nunca mais* a questão do trabalho está associada à exclusão, a segunda reportagem trata do trabalho infantil relacionado à fama. Embora ambas discutam a questão do trabalho infantil, no primeiro exemplo causa indignação, enquanto, no segundo, a fama justifica qualquer esforço. Tais comentários apoiam-se em depoimentos de mães em ambos os casos e também de filantropos na matéria *Criança no lixo nunca mais*.

Dentro de um sentimento contemporâneo de infância parece caber a falta de aprofundamento na questão das diferenças do cotidiano infantil e seu envolvimento com o trabalho. Ou seja, se é branca, abastada, bonitinha e talentosa, a criança pode dormir pouco, trabalhar muito e se entediar com os estudos, conforme o que ficou evidenciado na reportagem que trata dos atores mirins. Porém, se é parda, maltrapilha e pobre, a criança deve estar na escola e não auxiliar no sustento da família. Rabello trata brevemente do assunto quando diz que a criança na sociedade moderna é afastada das atividades socialmente significativas (p.12, desta dissertação).

Passo agora a tratar dos enunciados mais regulares: amor narcísico e Infância exilada no futuro. Começo citando alguns fatos atuais que dão visibilidade ao enunciado como conseqüência. Faço uma breve discussão teórica referente ao binômio criança-futuro e, na seqüência, trago algumas evidências deste enunciado com base no material empírico.

Para buscar compreender de que forma tratamos a infância como imagem do futuro, e até que ponto a questão da forma como a amamos através de um sentimento narcísico condicionam esta concepção de infância, parto de algumas considerações de Calligaris e as amplio através da obra de Foucault.

De acordo com o nascimento da infância coincide com a mudança da concepção de morte e sua conseqüente mudança com relação ao conceito de felicidade. Há dois séculos, quando o individualismo triunfou no Ocidente, trazendo a invenção moderna da infância, a morte cessa de ser vivida como um acidente, para se tornar a irremediável e trágica desapareição dos indivíduos (Ariés, 1978). Nesse momento significativo de nossa cultura, a

idéia de felicidade é redimensionada, deixa de se alimentar na calma de uma ordem estabelecida ou na visão futura de novas relações sociais para ser um direito de cada um, do indivíduo. “Direito cujo exercício não é nunca perfeito, e que se torna um dever para os herdeiros: nossas crianças” (idem.). Elas devem ser felizes, “a caricatura da felicidade impossível”.

Esta análise de Calligaris, a partir da obra de Ariès, embora seja uma breve referência à genealogia deste saber sobre a infância, sinaliza relações possíveis de serem feitas. Se é a partir da racionalidade adulta que se estabelecem os contornos de uma infância, e se esta infância está carregada das expectativas do adulto frente a suas inquietações consigo mesmo, a infância é uma construção correspondente àquilo que o adulto espera para ele mesmo. Interessa então compreender como se constitui a subjetividade do sujeito social, em especial como este almeja a própria vida e felicidade, este sentimento que tem a infância como herdeira devido ser efêmera essa felicidade enquanto possibilidade adulta. Ao associar tal busca com o *nascimento da vida* na história e com a nova idéia de morte e felicidade, Calligaris permite que estabeleçamos algumas relações com o que vimos discutindo até aqui, a partir do referencial teórico de Foucault.

O filósofo francês, em *A vontade de Saber — História da Sexualidade I*, estuda a questão do poder e seus mecanismos a partir da idéia de poder soberano, anterior à época clássica. Este poder formulava-se como direito de vida e morte, ou seja, o poder do soberano sobre seus súditos de *causar* a morte ou de *deixar* viver. Segundo Foucault, tal poder deriva da antiga *patria potestas*, que concedia ao pai de família romano o direito de “dispor” da vida de seus filhos e de seus escravos, uma vez que, tendo dado vida a eles, estava no seu direito retirá-la ao seu belo prazer.

A partir do período Clássico, o Ocidente vivencia uma transformação profunda nos mecanismos do poder soberano. Um deles, o confisco, já não era a única peça com a função de incitar, reforçar, controlar e vigiar as forças que lhe eram submetidas. Assim, o direito de morte, antes nas mãos do soberano, tende a se deslocar ou “se apoiar nas exigências de um poder que gera a vida, e a se ordenar, em função de seus reclamos” (Foucault, 1997, p.128). Se o poder soberano era simbolizado pela potência da morte, neste novo poder tal potência é exercida pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida.

Foucault aponta como fenômeno marcante deste momento histórico “a entrada da vida na história”, isto é, a entrada dos fenômenos próprios à vida da espécie humana na ordem do saber e do poder - no campo das técnicas. O autor afirma, entretanto, que este não foi o primeiro contato da vida com a história. Durante milênios, a fome e as epidemias constituíram as duas grandes formas dramáticas dessa relação, a qual ficava, assim, sob o signo da morte. O século XVIII vem trazer o desenvolvimento da economia e da agricultura, aumentando a produtividade e os recursos rapidamente, amenizando, dessa forma, as ameaças profundas. “A morte começava a não mais fustigar diretamente a vida” (Foucault, 1997, p.133). Somado aos avanços da economia e agricultura, o desenvolvimento dos conhecimentos a respeito da vida em geral e a sobrevivência dos homens colaboraram para afastar algumas das iminências da morte. “O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo” (idem., p.134).

Com base nesses dados da história buscados em Foucault e Ariès, e das reflexões de Calligaris, procurei investigar as condições de emergência de um enunciado que diz respeito ao “exílio da criança no futuro”. O mesmo sujeito social que experimenta um novo “direito” à vida, tenta preservá-la através de uma infância que passa a ser vista como a própria promessa de vida, como “os nossos herdeiros”, classifica Calligaris.

Sendo assim, tanto o amor narcísico que sustenta a existência de uma infância mitificada, “caricatura de uma felicidade impossível” sem problemas, como o ideal de uma realização futura que concebe a infância como uma promessa de dias melhores, rejeitam as condições reais destes sujeitos sociais que não são sempre felizes e que têm no presente suas questões principais e, em geral, preocupantes. Estes adultos narcísicos retiram da infância seu tempo presente, justamente por não conseguirem desprender-se de seus próprios projetos refletidos naquele ser infantil que ocupa seu imaginário.

Tais sentimentos com relação à infância são segregadores, excludentes. Aquela criança que não tem a imagem de felicidade ou que não dê indícios de um futuro promissor, de acordo com as expectativas mais freqüentemente alimentadas na sociedade, não é digna desse amor, afinal, não se enquadra na descrição “da” infância nem corresponde ao objeto do amor narcísico.

Outras tantas enunciações aparecem no material e sugerem muita reflexão: “Essas crianças que ficam na rua, poderiam garantir nosso futuro”, frase de um menino de onze

anos; “A criança que vai à escola, que faz esportes e tem uma família equilibrada em casa, tem muito mais chance de ser uma pessoa de bem”, comentário do atleta Oscar; “Ela precisa viver a infância, viver esta etapa da vida, senão, lá adiante vai faltar”, depoimento de uma jornalista; “Os estudos estão mostrando que os primeiros anos bem atendidos podem dar uma certa garantia de um futuro melhor, uma adolescência mais sadia, menos vulnerabilidade, menos violência e adultos mais sadios”, pronunciamento de um psiquiatra.

De vários lugares retiram-se ditos que realimentam o enunciado, ora evidenciando o sujeito como efeito discursivo, ora pontuando momentos importantes de produção de saber quanto a um dado discurso, são exemplos as falas já citadas através de enunciadores como: um menino de 11 anos, um atleta de renome nacional, uma jornalista bem informada, e um médico com o seu inquestionável diagnóstico.

Concluindo: Como vejo a TV tratando a imagem da criança? Como suponho que a criança telespectadora constitui-se a partir da infância editada na televisão?

Em síntese, procurando responder à primeira pergunta, destaco algumas características do tratamento que a linguagem da TV dá à imagem da criança, criando, desta forma, um sujeito infantil no discurso da mídia televisiva:

- Os comerciais valem-se da imagem da criança tanto para falar a um telespectador infantil como para interpelar o adulto. Enquanto no primeiro caso a criança que aparece é muito mais incisiva no sentido de normatizar a conduta daquele que assiste (definindo gostos, impondo comportamentos), o segundo reporta-se sistematicamente àquela infância mitificada, pura e bela.
- Ainda sobre os comerciais, dos quatro analisados três tem como protagonista um menino e o quarto a figura de um bebê onde não fica evidente o sexo da criança.

Quanto à linguagem dos telejornais, outras observações podem ser sinalizadas:

- A cobertura do tema infância no telejornalismo da TV brasileira segue critérios que priorizam a produção de notícias em detrimento da cobertura de fatos que tenham maior relevância social ou matérias que apresentem maior diversidade quanto ao tratamento do que seja o “infantil”. Quando a televisão pauta sua equipe de reportagem para fazer uma reportagem em função do lançamento de uma campanha como *Criança no lixo nunca mais*, ela está priorizando um fato, um acontecimento singular, de abrangência social significativa e atual. Por outro lado, quando esta mesma TV transforma em matéria assuntos de experiências isoladas e sem maiores conseqüências, como um cursinho particular de música para crianças ou uma atividade de sala de aula com alunos

pequenos, aparentemente preocupados com a guerra em Kosovo, torna-se questionável o critério de seleção de assuntos suficientemente relevantes, a ponto de serem elevados à categoria de *notícia*.

- Outro aspecto é a forma da edição destas matérias. As duas reportagens em questão foram editadas mostrando pouquíssima participação das crianças que constituíam o foco da notícia. No caso de matérias como estas, a preocupação central parece ser realimentar um imaginário social em que a infância é notícia enquanto representação de uma essencialidade a ser preservada, como objeto do amor narcísico para o adulto telespectador. Editada dessa forma, a criança ocupa o lugar de adorno telejornalístico, um momento de frescor numa seqüência de reportagens “sérias” e preocupantes que falam de política, corrupção e violência (só para citar alguns assuntos).

Respondendo a segunda pergunta: Como suponho que a criança telespectadora constituiu-se a partir da infância editada na televisão? — pontuo algumas observações possíveis, relacionando teoria e análise do material empírico:

- “Não dá vontade de apertar as bochechas?”, o comentário da jornalista âncora do telejornal *Hoje*, é exemplo primoroso do amor narcísico. Um amor que, como já vimos, é excludente por um lado e pode ser opressor por outro. Este sentimento entretanto se multiplica em outros momentos da programação da TV quando em *shows* de calouros as crianças são valorizadas por imitarem os adultos; quando em programas de entrevistas o que as faz serem motivo de notícia é justamente revelarem capacidade especial para desempenhar atividades normalmente realizadas por adultos como, escrever livros ou conhecer profundamente um assunto. Essas imagens vão servir de parâmetro identificatório para aquela criança que assiste TV.
- A cultura do consumo, por outro lado, dá outro *status* à infância pois é onde a criança é vista em seu tempo presente como consumidora, com desejos próprios, ou rapidamente construídos. É o desenvolvimento de personalidades narcísicas como define Christopher Lasch, daqueles que procuram satisfazer todos os seus desejos. Embora os comerciais sejam profícuos na proliferação de materiais que alimentam a cultura do consumo, ditos como o da mãe de um menino a espera do teste de ator-mirim ilustra de outro lugar a mesma cultura do consumo e as identidades narcísicas: “Você também fica naquela

ansiedade: será que meu filho vai passar? Quando faz, a gente fica feliz por eles, que estão bem, que eles estão gostando do que estão fazendo”.

Com base nas observações feitas, foi possível retirar das coisas ditas nas diferentes modalidades discursivas da mídia, um sujeito infantil fruto de uma racionalidade adulta que concebe, ainda hoje, uma infância bastante idealizada. Por mais que áreas de conhecimento, como a Psicologia e a Educação, avancem no sentido de procurar promover uma vida mais substantiva para a criança, investigações como esta, que ora termina (ou não), dão provas do quanto o imaginário adulto brasileiro exclui algumas crianças quando ama outras, e, ao mesmo tempo, isola a todas num tempo que para ele representa: esperança e alegria futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- CALLIGARIS, Contardo. Essas crianças que amamos demais. In.: CALLIGARIS, Contardo. *Crônicas do Individualismo Cotidiano*. São Paulo: Ática, 1996.
- CASTRO, Lucia Rabello de (org.). *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: Nau, 1999.
- CORAZZA, Sandra Mara. *História da infânilidade: a-vida-a-morte e mais-valia de uma infância sem fim*. Porto Alegre: UFRGS / FAGED, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993b.
- _____. Deux essais sur le sujet et le pouvoir. In.: DREYFUS, H., RABINOW, P. *Michel Foucault: un parcours philosophique*. Paris: Gallimard, 1983, p.297-321.
- _____. O sujeito e o poder. In.: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. *Michel Foucault. Uma trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997a.
- _____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In.: *Cultura, mídia e educação*. Porto Alegre: Educação e Realidade, v.22, n.2, 1997b.
- NARODOWSKI, Mariano. Adeus à infância (e à escola que a educa). In.: SILVA, Luiz Heron, (org.). Porto Alegre: SMED, p.172-177, 1998.
- PRIORE, Mary del (org.). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.
- _____. *História da Criança no Brasil*. Rio de Janeiro: Contexto, 1996.

Anexo 1

APRESENTAÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

Situar:

- ⇒ as especificações técnicas da peça gravada: tempo total da peça; tomadas (planos, cortes), sons, personagens, transcrição dos textos, cenários, ação.
- ⇒ o gênero da peça gravada: comerciais, janelas, telejornais;
- ⇒ as características da peça gravada: linguagem e edição das imagens que compõem a narrativa televisiva; público alvo;
- ⇒ a emissora: horário que vai ao ar; audiência (quando for característica importante ou mensurável, o que não acontece com os comerciais);
- ⇒ a justificativa da presença da figura infantil em cada uma dos três tipos de modalidades enunciativas.

**ANÁLISE I
LEVANTAMENTO INICIAL DOS ENUNCIADOS**

Descrever e levantar:

- ⇒ possíveis enunciados;
- ⇒ quem está falando: qual o *status* do enunciador; qual a sua competência; em que campo de saber se insere; qual o seu lugar institucional; como seu papel se constitui juridicamente com outros poderes além do seu; como é realizada sua relação com outros indivíduos no espaço ocupado por ele;
- ⇒ qual o lugar de onde se fala: dentro de qual instituição; qual fonte de discurso daquele que fala;
- ⇒ que campos de saber/poder estão em luta pela imposição de sentido, verdades.

**ANÁLISE II ESTABELECIMENTO
DE RELAÇÕES**

Relacionar:

- ⇒ grupos de enunciados;
- ⇒ séries (enunciados produzidos e que vêm a constituir um determinado discurso);
- ⇒ jogos de relações com outros campos discursivos (multiplicando o discurso a partir de campos como o da educação, da sociologia, da história, da psicologia, da história, na tentativa de circunscrever a análise em seu recorte específico no tempo e no espaço);
- ⇒ jogos de relações de poder que estão postas;

Elaborar:

- ⇒ análise a partir da seguinte noção de discurso em Foucault: conj. de regras, próprias de uma prática discursivas; conj. de práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam.

Anexo 2

Gravações Exclusão	Futuro	Amor Narcísico	Escola	
c. Baton	X			
c. banco Bozano Simonsen	X	X		
c. Coca-cola		X		
c. Autistas			X	X
j. Aula de Música para crianças	X	X		X
j. Superdotados	X		X	X
j. Artistas mirins		X	X	
j. Criança no lixo nunca +		X	X	X
j. Saúde mental dos bebês	X			
j. Crianças comentam guerra de Kosovo		X	X	X
j. Adoção de menina brasileira por família francesa				X
r. Janelas do Fantástico	X			

